

# A LOGOTERAPIA COMO UMA PROPOSTA PECULIAR DE PSICOLOGIA HUMANISTA

## THE LOGOTHERAPY AS A SPECIFIC PROPOSAL OF HUMANISTIC PSYCHOLOGY

**Rafael Rebolsas Andrade**

*Universidade Federal do Ceará*

**Resumo.** Neste trabalho é apresentada a Logoterapia como uma proposta de uma Psicologia humanista. Para isto, são apresentados os fundamentos antropológicos da teoria de Frankl e suas devidas implicações e contribuições à prática Psicoterapêutica. São também explorados os aspectos da antropologia filosófica subjacente a logoterapia que justificam a denominação da Logoterapia como psicologia Humanista. É ainda apresentada a proposta da psicologia voltar-se ao que é especificamente humano, sendo esta a reivindicação desta psicologia humanista.

**Palavras-chave:** Logoterapia, Psicologia Humanista, Fundamentos Antropológicos.

**Abstract.** This paper presents the Logotherapy as a proposal for a humanistic psychology. For this, it's presented the anthropological foundations of the Frankl's theory and its respective implications and contributions to psychotherapeutic practice. It's also explored aspects of the philosophical anthropology of Frankl's theory that justifies the designation of Logotherapy as a Humanistic Psychology. It also presented the proposal of Logotherapy to return to what is specifically human, which is the claim of this humanistic psychology.

**Keywords:** Logotherapy, Humanistic Psychology, Anthropological foundations.

## INTRODUÇÃO

**M**édico, psiquiatra e neurologista, Viktor Emil Frankl criou um método de tratamento psicológico que denominou Logoterapia. Nascido em Viena, no ano de 1905, deu início a sua trajetória acadêmica dedicando-se a estudos em medicina, psicanálise e psiquiatria. Quando ainda jovem, Frankl, já muito interessado no pensamento de Freud, aos 16 anos já trocava correspondências com o Pai da Psicanálise, tendo, inclusive, para a sua surpresa, um trabalho, nesta mesma época, publicado na *Journal International de Psychanalyse*. Ainda no início de sua carreira, Frankl distanciou-se da psicanálise e durante algum tempo tornou-se próximo da Psicologia Individual de Alfred Adler (Frankl, 2010).

A aproximação junto à escola Adleriana não dura muitos anos, pois logo Frankl também se afasta de Adler e a partir da leitura da fenomenologia e principalmente das ideias de Max Scheler passa a trilhar um novo caminho na constituição de fundamentação de seu pensamento (Lima Neto, 2012).

Durante o período entre 1942 e 1945, Frankl viveu o que ele mesmo chamou de “*Experimentum Crucius*”: experiência de sobrevivência vivida em quatro campos de concentração Nazistas. Embora antes mesmo de sua vivência nos campos de concentração já se havia utilizado o termo logoterapia, este acontecimento foi essencial para a estruturação e difusão do pensamento Frankliano (Frankl, 2009).

A Logoterapia, ao ser considerada uma proposta de Abordagem Psicoterapêutica,

percorre um caminho de reação à chamada psicologia tradicional e às práticas vigentes de Psicologia. “Frankl procurou demonstrar que a Psicoterapia tradicional e a Psicanálise não contemplavam o homem na sua unidade, e por isso, construiu a prática da logoterapia” (Breitenbach & Silva, 2009, p. 1). “O Intuito das páginas que se seguem é ultrapassar os limites de toda psicoterapia que se fez até agora” (Frankl, 2010, p. 15). Em síntese, poderíamos dizer que a psicanálise nos ensinou a desmascarar o neurótico e o behaviorismo nos ensinou a demitizar a neurose. Ora, como Petrilowitsch e Kvilhaug o veem, a logoterapia está nos ensinando a “reumanizar” tanto a psicanálise como o behaviorismo (Frankl, 2005, p.10).

A Logoterapia, como uma alternativa as psicoterapias vigentes, traz, então, a proposta de ser uma psicologia humanista, termo esse levado a fundo, pois manifesta justamente a proposta central levantada por Frankl, quando reivindica a necessidade de humanização da psicoterapia. “O que no presente momento parece mais necessário em psicologia, mais que qualquer outra coisa, é que a psicoterapia entre na dimensão humana” (FRANKL, 2005, p. 59). Entretanto, quando Frankl se utiliza do termo humanista, não se refere ao chamado termo: “movimento de psicologia humanista”. “Por razões heurísticas pode ser útil separar logoterapia da psicologia humanista com a finalidade de obter uma vantagem crítica” (Frankl, 2005, p. 59).

Se a Logoterapia propõe a voltar-se à dimensão humana, a compreensão deste homem toma um caráter de central importância na fundamentação desta abordagem Psicológica

(Frankl, 1978). Para então justificar-se como uma psicologia Humanista, Frankl sustenta sua proposta a partir de uma antropologia filosófica clara. A antropologia filosófica, isto é, a visão de homem subjacente à Logoterapia, é, então, de caráter basilar. Não se pode separar a Logoterapia daquilo que compreende como sua antropologia. “O eixo fundamental do sistema teórico da logoterapia repousa sobre sua concepção antropológica” (Pereira, 2012, p. 55). Não seria, portanto, exagero dizer que a logoterapia seria uma espécie antropologia aplicada à psicoterapia.

Com implicações metaclínicas, a psicoterapia contempla, principalmente, dois eixos: uma visão de homem e uma filosofia de Vida. Não há psicoterapia que não contenha uma teoria antropológica e uma filosofia de vida Subjacente (Frankl, 2011, p.25).

Se há, portanto, alguma pretensão de se bem compreender a logoterapia, é essencial que se volte para a sua concepção antropológica. A própria proposta Humanista da Logoterapia justifica-se basicamente na visão de homem trazida por Frankl.

#### FUNDAMENTOS DE UMA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA: A POSIÇÃO DO HOMEM NO COSMOS

Na constituição de sua teoria psicológica, a antropologia de Max Scheler exerceu forte influência sobre Frankl para a construção da própria antropológica subjacente à Logoterapia. “Foi sua leitura de Max Scheler que, definitivamente, influenciou os contornos que a Logoterapia viria a ter em seu desenvolvimento posterior” (Pereira, 2012, p

16). No entanto, a Logoterapia não é uma simples aplicação da antropologia de Max Scheler. “Influenciado também por outros autores importantes como Martin Heidegger, Martin Buber, Karl Jaspers o pai da Logoterapia tem o mérito de produzir uma autêntica visão de homem” (Lima Neto, 2012, p. 7).

Em sua antropologia Filosófica, e, especialmente em sua obra “A posição do Homem no Cosmos”, Max Scheler, inserido no contexto de discussão acerca da dialética corpo e alma, propõe uma concepção do Homem como um ser que se diferencia substancialmente de qualquer outro ser por possuir uma dimensão Espiritual, propondo, este, o espírito, como o lugar e o princípio que o torna peculiar dentre todos os seres. Além da dimensão espiritual, segundo a antropologia filosófica de Max Scheler, o homem possui também uma dimensão semelhante aos outros seres vivos, esta é chamada dimensão anímica. A dimensão anímica seria referente a toda condição natural presente na constituição do ser humano (Max Scheler, 2003). Enquanto ser vivo, estão presentes no homem as quatro formas essenciais da vida, bem como em todos os outros animais, que Scheler elenca da seguinte forma: o impulso afetivo, uma força expressiva, onde pulsão e instinto ainda não se diferenciam; o instinto, série de comportamentos adaptativos que estão a serviço da espécie; a memória associativa, fundamento de toda a cultura e dos condicionamentos mais sofisticados e a inteligência prática, a ação intuitiva primária. Esta é a dimensão natural (Lima Neto 2012, p. 8).

A respeito da dimensão espiritual, considerada como a dimensão humana

propriamente dita, “encontra-se fora de tudo isto que poderíamos denominar “vida” no sentido mais amplo possível.” (Max Scheler, 2003). O Espírito, portanto, representa a dimensão humana capaz de distanciar-se de toda sua “animicidade”, de tudo que se encontra sob a condicionalidade do natural e orgânico.

### A TRÍADE DIMENSIONAL

Para Frankl (2012) o homem é uma unidade corpóreo-psíquico-espiritual, isto é, um ser tridimensional. Essa tríade bio-psico-espiritual torna-se para a Logoterapia um ponto de base para a fundamentação de sua concepção antropológica. “Corpo, psiquismo e espírito são aqui concebidos como categorias reflexivas, isto é, uma não pode ser pensada sem a outra” (Pereira, 2012, p. 71)

Segundo Viktor Frankl o homem é composto por três dimensões fundamentais: a dimensão somática, que seria o homem biológico; a dimensão psicológica, que seria o homem dos desejos inconscientes, das pulsões, dos condicionamentos operantes e, por fim, a dimensão noética, aquela que representa o espírito humano e sua vontade livre diante dos determinantes sociais, biológicos e psicológicos. (Lima Neto, 2012, P.8)

Poderíamos dizer que as dimensões biológica e Psicológica corresponderiam ao que Max Scheler chamava de dimensão anímica, isto é, referente a parte natural e que encontraria correspondência semelhante em outros seres vivos não humanos. A dimensão espiritual, ou dimensão noética, por sua vez, corresponderia à dimensão humana propriamente dita, dimensão mais alta no sentido de ser mais abrangente e de

corresponder à totalidade do homem. “Mesmo uma unidade psicossomática tão íntima no homem ainda não constitui sua totalidade; essa totalidade pertence muito mais essencialmente o elemento noético, o elemento espiritual” (Frankl, 2012, p. 62) É importante, ainda, se dizer que, segundo Frankl (2012) a dimensão noológica (espiritual) se refere a uma conceituação antropológica, muito mais que teológica.

### UNITAS MULTIPLEX

Frankl, na sua visão de homem, propõe que o Homem deve ser compreendido como uma unidade apesar da multiplicidade. “Eu gostaria de definir agora o homem como Unidade apesar da pluralidade” (Frankl, 2010, p. 42). Max Scheler e Nicolai Hartmann, no entanto, já haviam pensado uma antropologia e uma ontologia que apresentavam o homem como um ser dotado de dimensões naturais (anímicas) e espirituais. Max Scheler havia apresentando uma antropologia das dimensões humanas compreendidas semelhantes a camadas e Hartmann, por sua vez, trouxe a ideia de dimensões humanas entendidas a partir de uma ideia de estratificação e hierarquia. Frankl, no entanto, foi além destes autores, e propôs a necessidade do entendimento do Homem como uma unidade, mesmo sendo um ser de múltiplas dimensões. Para traduzir essa proposição, baseado em Max Scheler, Nicolai Hartmann e São Tomás de Aquino, Frankl formula o termo “unitas multiplex” que ele mesmo explica por meio de sua Ontologia dimensional. “Particularmente tenho tentado, simultaneamente, fazer jus às diferenças ontológicas e à unidade antropológica mediante

aquilo que chamei de antropologia e ontologia dimensionais” (Frankl, 2011, p. 34)

A ontologia dimensional de Frankl se funda em duas leis. A primeira lei explica que se tomarmos um objeto e o projetarmos em várias dimensões inferiores àquela que lhe é própria, encontraremos figuras contraditórias entre si. A segunda lei diz que se tomarmos varias coisas diferentes e projetarmos todas em uma só dimensão inferior, as figuras encontradas serão suscetíveis. Aplicando o conceito ontologia dimensional para a compreensão do homem, pode-se concluir que o homem, tomado na sua dimensão propriamente humana, ao ser projetado nas suas diversas dimensões, sejam elas psicológicas ou biológicas, as projeções resultantes serão contraditórias, isto é, dizem respeito a aspectos diferentes, sem, no entanto, deixarem de ser dimensões deste mesmo homem. (Frankl, 2010).

“Em nossa concepção, a ontologia dimensional constituiu a saída encontrada por Frankl para ilustrar a organização dialética de três regiões ontológicas fundamentais: corpo, psiquismo e espírito” (Pereira, 2012, p.71). “A unidade antropológica do homem, contudo, apesar da multiplicidade ontológica do corpóreo, do psíquico e do espiritual, só pode ser compreendida no sentido de uma ontologia dimensional” (Frankl, 2012, p. 61). “O psiquismo e o físico ou o somático formam no homem, em verdade, uma unidade íntima; mas isso ainda não significa, contudo, de maneira alguma, que unidade e mesmidade sejam termos idênticos, ou seja, que o psiquismo e o somático sejam uma e mesma coisa” (Frankl, 2012, p. 62).

A pessoa é um indivíduo: a pessoa é algo indivisível – ela não é ulteriormente divisível, não pode ser seccionada, e, em verdade, não porque ela é uma unidade. A questão é que a pessoa não é apenas indivisível, mas também impassível de ser alcançada por meio da soma; ou seja, ela não apenas indivisível, mas também não é fundível; e ela não o é por não ser apenas unidade, mas também totalidade (Frankl, 2012, p. 62).

### A DIMENSÃO PROPRIAMENTE HUMANA

Se estamos percorrendo o caminho de esclarecimento da concepção antropológica subjacente a logoterapia, é fundamental um entendimento consistente acerca da dimensão espiritual. “A noção de espírito já está intencionalmente presente na formação etimológica do nome logoterapia. O Próprio Frankl definiu sua empresa terapêutica como uma psicoterapia em termos espirituais” (Pereira, 2012, p. 56). Se vimos a partir de Scheler que a dimensão espiritual deu ao homem algo de peculiar em relação animais, acrescentamos que, a peculiaridade do espírito é justamente o distanciamento daquilo que é anímico, sem, no entanto, haver uma quebra da unidade anímico-espiritual.

Se colocarmos no ápice do conceito de espírito uma função particular de conhecimento, a espécie de conhecimento que só ele pode dar, então a determinação fundamental de um ser espiritual, como quer que este venha a ser constituído psicologicamente, é o seu desprendimento existencial do orgânico(...)” ( Scheler, 2003, p. 36)

O desprendimento do anímico, como própria peculiaridade espiritual, faz o homem ser existencialmente abertura. “(...) o ser humano é aberto ao mundo, em contraste com os animais, os quais se limitam a um meio particular á espécie” (Frankl, 2012, p. 59). Desse modo, podemos compreender que o homem não é um sistema fechado, mas é abertura, isto é, transcende ao que é dado, é para além da facticidade dos condicionamentos. Desta maneira, um ser espiritual não está mais vinculado a pulsões e ao meio ambiente. Ao contrário, ele está muito mais livre do meio ambiente, e como gostaríamos de denomina-lo, aberto para o mundo (Scheler, 2003, p. 36).

Além da abertura, e como consequência própria da capacidade de auto distanciamento, “o ser humano, consegue alçar ao status de objeto seus estados fisiológicos-psíquicos” (Pereira, 2012, p.60). Scheler propõe que a dimensão espiritual não faz o homem somente capaz de ampliar o meio ambiente tornando-se o homem um ser existencialmente abertura, mas também permite o homem objetivar as dimensões mais baixas, inclusive objetivar sua própria constituição anímica, sendo capaz de uma consciência de si, caráter este denominado por Scheler como autoconsciência (Scheler, 2003).

O polo espiritual, isto é, a peculiaridade própria do ser homem, representa a capacidade de afastar-se de toda sua condição anímica, natural, determinada por instintos e pulsões. Desse modo, o homem, capaz de se autodistanciar da natureza, bem como de objetivar a mesma, objetivando, inclusive, sua própria condição natural, toma para si um caráter de liberdade infinitamente possível. Para

o homem, justamente por ser espiritual a Liberdade é possibilidade eterna. O homem, portanto, sendo capaz de decidir criar e criar-se, é livre no seu decidir, uma liberdade que não é falta de limitação, mas que, na verdade, é muito mais a sempre possibilidade de decisão.

#### O HOMEM, UM SER LIVRE E RESPONSÁVEL.

Quando Frankl diz que o Homem é livre, e reconhece essa liberdade como pressuposto antropológico ele o faz fazendo algumas ressalvas. Se, para Frankl, a liberdade humana se fundamenta na sua dimensão espiritual, esta liberdade tem tudo haver com a capacidade espiritual de distanciamento do anímico. Entretanto, se o homem é “unitas multiplex”, isto é, é uma unidade apesar da multiplicidade, não se pode fazer uma ruptura entre dimensão espiritual e dimensão anímica do homem. Se a condição de ser espiritual confere ao homem uma autonomia, sua dimensão anímica limita esta autonomia, o que quer dizer que a liberdade do homem pode ser considerada uma autonomia apesar da dependência.

Para Frankl, a liberdade humana é uma ausência de limites, mas uma “liberdade para”, isto é, liberdade para decisão e tomada de atitude apesar das circunstâncias e das contingências. “ No que concerne agora à liberdade, ela é uma liberdade em relação a três coisas, e, em verdade: perante as pulsões, perante a herança e perante o mundo circundante” ( Frankl, 2012, p. 89). Ao dizer que, contudo, que o homem é livre, não se nega o caráter concreto de sua existência. Se a existência do homem se dá na concretude de sua historicidade e de seu destino em seus aspectos fisiológicos,

sociológicos e psicológicos é circundado por estes limites e contextos que se ergue a liberdade do Homem. “O destino pertence ao homem como o chão a que o agarra a força da gravidade, sem a qual lhe seria impossível caminhar.” (Frankl, 2010, p. 120)

Liberdade sem destino é impossível; liberdade só pode ser liberdade em face de um destino, um livre comportar-se perante o destino. Sem dúvida, o homem é livre; mas isto não significa que esteja flutuando, por assim dizer, num espaço sem ar, pois, ao contrário, acha-se envolvido por uma série de vínculos. Estes vínculos, contudo, são os pontos de arranque para sua liberdade (Frankl, 2010, p. 120).

“O existir humano é ser-responsável porque é ser-livre” (Frankl 2010). Se a logoterapia propõe em sua visão de homem um ser livre, se torna, ela mesma, uma resposta aos saberes que propunham o homem como resultado de seus determinantes. Havendo, portanto, a retirada dos determinantes; sejam sociais, psíquicos ou biológicos, como os responsáveis por aquilo que o homem é ou deixa de ser; o próprio homem, considerado livre, ocupa este lugar da decisão. O homem passa então a ser visto como protagonista de sua história, e, sendo protagonista, é também principal responsável por si, pois, é, ele mesmo, aquele que escolhe sujeitar-se ou ir além das contingências.

Sendo o homem ser-livre e ser-responsável, o caráter factual imutável das coisas e das dimensões de sua existência podem ser ultrapassados. Sem desconsiderar a historicidade do homem, sua concretude e aquilo que faz parte de seu destino biológico, social ou

psicológico, para além de tudo isso e mediante tudo isso, em última instância, é o próprio homem que conduz sua história. Com efeito, na teoria de Frankl, liberdade e responsabilidade formam uma díade essencial e inseparável.

#### A QUESTÕES DO ESPÍRITO E DO HUMANO NA PSICOTERAPIA : CRÍTICA AO REDUACIONISMO

Frankl sempre definiu a logoterapia como uma psicoterapia em termos espirituais (Pereira, 2012, p. 56). A noção de “espírito” já está intencionalmente presente na formação etimológica da palavra “Logoterapia”. Se analisarmos a etimologia da palavra logoterapia, encontramos os termos *therapy* e o prefixo grego *logos*. Dentre as muitas acepções que o termo *logos* pode assumir, para Frankl, são os significados de espírito e sentido que justificam sua intencional utilização do termo logoterapia para denominar sua empresa psicoterapêutica. A Logoterapia assume, assim, já a partir de sua etimologia, duas propostas: ser uma psicoterapia em termos espirituais e uma psicoterapia voltada para a questão do sentido da vida (Pereira, 2012).

A logoterapia, quando se propõe a ser uma psicoterapia em termos espirituais, surge como respostas às psicoterapias vigentes. “A psicoterapia que tem se feito até agora revela-se, assim, insuficiente em face de todo o espiritual. Mais do que insuficiente, aliás: perante o espiritual, ela nem sequer é competente” (Frankl, 2010, p. 31). Desse modo, Frankl faz uma crítica às psicoterapias que, por não conceberem o homem com um ser espiritual, reduzem-no em termos psíquicos, biológicos ou

sociológicos, atribuindo ao homem concepções casuísticas reducionistas.

Se o homem, a partir da compreensão antropológica da Logoterapia, é um ser livre e responsável, justamente por ser um ser espiritual, as psicoterapias e teorias que não concebem e identificam essa peculiaridade própria do homem, isto é, o ser espiritual, são, por Frankl, acusadas de serem reducionistas. O reducionismo ocorre pela postura de explicação do homem a partir da projeção em planos inferiores, compreensão do homem a partir unicamente de sua dimensão anímica. Nesse sentido, cai-se nos chamados biologismo, sociologismo e psicologismo.

Entende-se por biologismo a explicação do homem tendo como fonte as razões à nível biológico. Entende-se por sociologismo, a explicação do homem, seu comportamento e relações, a partir do panorama social, sendo, assim, o homem, compreendido como produto de seu meio. Por psicologismo entende-se pelo processo, partindo da origem anímica de um ato( pulsões, instintos, processos psicológicos, condicionamento comportamental), tenta explicar e validar um entendimento do homem, compreendido em termos psíquicos.

A crítica da Logoterapia, com relação ao reducionismo das psicoterapias não se refere a uma postura de explicação e objetivação de certos aspectos da animicidade do homem. A logoterapia não se contrapõe a perspectivas científicas e psicológicas que busquem explicar aspectos psíquicos, sociais ou biológicos do homem. É próprio do espírito a capacidade de elevar a condição de objeto o meio ambiente e, inclusive, a própria condição psico-física do

homem. O contraponto está justamente na postura de tomar as explicações de certas facetas da existência humana como o próprio entendimento de uma totalidade do homem. A logoterapia surge, portanto, reivindicando a necessidade do se voltar a totalidade do homem.

No sentido de uma ontologia dimensional, o que se quer dizer, ao falar de uma dimensão superior é que se está lidando com uma dimensão mais compreensiva, que inclui e abarca uma dimensão inferior(...). E é assim que o homem, uma vez tornado homem, continua a ser de algum modo animal e planta (Frankl, 2010, p. 46)

Embora, Frankl, tenha como principal reivindicação o voltar-se ao homem na sua dimensão mais específica, não quis ele, de forma alguma, cair em um chamado noologismo, isto é, conceber o homem e suas neuroses somente a partir da dimensão noética, esquecendo, assim, das outras dimensões humanas e, portanto, fugindo de uma compreensão antropológica abrangente e total.” Tendo chegado neste ponto de nossas reflexões, vemos – ao lado do perigo do psicologismo – um outro risco: o risco do noologismo” (Frankl 2012. p.153).

## SOBRE O MÉTODO DESTA PSICOTERAPIA HUMANISTA

Se a dimensão espiritual compreende a totalidade do homem e aquilo que é genuinamente humano, uma psicoterapia que tomasse como referencia esta dimensão, estaria, essa, numa postura de voltar-se ao homem mesmo. Desse modo, na perspectiva de uma psicoterapia, o necessário, segundo Frankl, seria o ultrapassamento da dimensão anímica e a elevação da psicologia ao nível espiritual. Para

isto, reivindica-se, inclusive, uma mudança do método.

O homem, em sua totalidade não seria passível de objetualização, pois “o espírito é o único ser que é por si mesmo é incapaz de ser objetivado. O Centro do espírito, a pessoa, não é, portanto, nem um ser objetualizado, nem um ser coisificado” (Scheler, 2003, p. 45) Do mesmo modo, se é buscada uma psicologia que contemple o homem em sua totalidade, isto é, se volte ao homem em sua existência multidimensional, seu método não pode ser de caráter objetivo e explicativo. “Tudo que é anímico é passível de objetivação- mas não o espiritual (...) Como pessoas não podemos objetivar nem mesmo outras pessoas” (Scheler, 2003. p45).

“Só conseguimos conquistar uma participação nas pessoas se acompanharmos a realização e co-realizarmos seus atos livres”. Isto só pode ser alcançado através do que é expresso pela mísera palavra “sequaz” ou através daquela compreensão (...)” (Scheler, 2003, p. 46). A postura metodológica da Logoterapia se dá pela adoção da necessidade de co-apreensão dos atos humanos. Esta co-apreensão se dá de forma intersubjetiva, a partir do caráter intencional dos atos espirituais.

A tradição fenomenológica, desde Brentano e Husserl, traz ainda a concepção de intencionalidade como fundamento estruturante no desdobramento do método fenomenológico. “ A idéia de intenção está no fundamento do compreender tal como supõem as investigações que se reconhecem da fenomenologia das ciências humanas” (Dartigues, 2008, p. 47). É justamente, esse caráter intencional, que

fundamenta o homem como um ser-referido, um ser-aí, um ser diferentemente-ente. A relação, portanto, “propriamente só a relação é” (Frankl, 2010, p. 17). Desse modo, se a relação é, e o homem é relação, para a fenomenologia a experiência intersubjetiva é o lócus próprio de construção do conhecimento. A co-apreensão, portanto, se dá intersubjetivamente.

Se a fenomenologia denuncia a necessidade da consideração da expressão intersubjetiva do homem, esta mesma se propõe a ser o novo método de conhecimento, um método de postura compreensiva, que vem em resposta aos métodos de caráter reducionista que visavam a explicação objetiva do homem. “Compreender um comportamento é percebê-lo, por assim dizer, do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, logo, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um movimento físico” (Dartigues, 2008, p. 48)

Não diremos de um geólogo que ele procura compreender uma pedra; sua tarefa será somente a de analisar sua composição e determinar a época de sua formação (...) já que a coisa objeto só pode ser captada do exterior. Assimilar fatos humanos aos objetos físicos equivale a deixar de lado a dimensão subjetiva e intencional que, precisamente, os torna humanos (Dartigues, 2008. p. 48)

O método compreensivo dá à logoterapia os meios de orientação de sua práxis e de sua concepção teórica. Não é, portanto, a logoterapia, uma psicologia que se volte à explicação casuística do homem e de seus mecanismos, mas sim, uma abordagem terapêutica que busca a compreensão do homem em sua existência e, portanto, a vivência do

homem em sua intersubjetividade, na experiência de seus horizontes de possibilidades.

A respeito da relação terapêutica, justamente pela consideração da relação intersubjetiva como fundamento de sua proposta de ser uma abordagem compreensiva, a Logoterapia privilegia o contato inter-humano como próprio campo do desenvolvimento terapêutico. “O que no presente momento parece necessário em psicologia, mais que qualquer outra coisa, é que a psicoterapia entre na dimensão humana, a dimensão dos fenômenos humanos” (Frankl, 2005, p. 59). “O homem que sofre exige o médico humano, que não trata apenas como médico, mas também como homem” (Frankl, 2012, p. 126). “Assim, então, no exercício da assistência médica espiritual, o médico continua sendo médico; mas sua relação com o paciente transforma-se no encontro de um ser humano com outro” (Frankl, 2012, p. 127).

### CRÍTICA AO “HUMANISMO” DAS PSICOLOGIAS

“Por razões heurísticas pode ser útil separar a logoterapia da psicologia humanista com a finalidade de obter uma vantagem crítica e elaborar um discurso crítico sobre a mesma” (Frankl, 2005 p. 59). Embora a logoterapia seja constantemente colocada como pertencente ao chamado movimento de psicologia humanista, existem certos aspectos que tornam peculiar a proposta humanista da Logoterapia e a permitem fazer fortes contrapontos com as demais propostas que são incluídas neste movimento (Frankl, 2005).

Para Frankl, quando propõe a humanização da psicologia, isto significa uma postura do se voltar ao que é especificamente humano. Desse modo, é humanista a psicologia, na medida em que volta ao homem que é um ser livre, responsável, consciente, tridimensional e, por conseqüência, autotranscendente. Sem isto, o homem, em sua humanidade, é deixado de lado. Sem isto, sem o voltar-se ao que é especificamente humano, nesta perspectiva, uma psicologia não pode ser chamada de humanista (Frankl, 2008)

A reivindicação que aproxima todas as chamadas psicologias humanistas, inclusive a logoterapia, é a negação de uma psicoterapia a é postura de privilégio do encontro interpessoal como o campo de produção do conhecimento e das vivências terapêuticas. É, no entanto, a respeito do conceito de encontro que, segundo Frankl, as más compreensões giram em volta (Frankl, 2010).

Realmente o conceito de encontro é proveniente mais da literatura existencialista que humanística. Ele foi introduzido por Martin Buber, Ferdinand Ebner e Jacob L. Moreno, cuja contribuição ao pensamento existencialista está condensada em uma interpretação da existência em termos de coexistência. Em tal contexto, o encontro é entendido como um relacionamento entre um EU e um TU – um relacionamento que, por real natureza, pode ser estabelecido apenas á nível humano e pessoal. É fato que em tal perspectiva alguma coisa ficou perdida, e trata-se que nada menos que toda uma dimensão (Frankl, 2005, p. 60)

A compreensão de encontro parte da própria compreensão de intencionalidade,

portanto, de abertura e, conseqüentemente, de autotranscendência. “Buber e Ebner não apenas descobriram o lugar central que o encontro ocupa na vida do espírito humano, mas também definiram tal vida como basicamente um diálogo entre um eu e um tu” (Frankl, 2005, p. 61). O encontro, portanto, é propriamente e especificamente humano e, não somente isso: a compreensão como método, é e parte do encontro existencial, pois só é a partir deste que se é possível a co-apreensão dos atos espirituais (Scheler, 2003). “Afirmo que nenhum diálogo é possível, se não for introduzida a dimensão do logos. Eu diria que um diálogo sem o logos, (...), é de fato um monólogo recíproco, simplesmente uma mútua auto-expressão” (Frankl, 2005, p. 61). “O encontro, no sentido mais amplo do termo, leva-nos a compreender a humanidade do parceiro (Frankl, 2003) O encontro, portanto, existencialmente falando, pressupõe uma relação dialógica que compreende a autotranscendência como fundamento desta vivência.

A Logoterapia, ao se assumir como uma proposta psicológica que se volta ao que é especificamente humano, entra em contraponto às maiorias das psicoterapias ditas humanistas. “A maior parte da literatura da psicologia humanista permanece ainda ligado a uma psicologia do velho estilo que, na realidade, é uma monadologia” (Frankl, 2005, p. 62) Em vez de ser realmente humanístico, referindo-se ao homem em sua humanidade, isto é, no seu ser-livre e ser responsável, na capacidade de autotranscendência, naquilo que é especificamente humano, as psicologias ditas como pertencentes ao movimento da psicologia humanista, assumem, na verdade, uma concepção mecanicista e reducionista (Frankl,

2005). “Assim, o conceito de encontro torna-se vulgar. Em vez de ser humanístico, é mecanicista e deste modo merece o nome que Peter R. Hofstatter, da Universidade de Hamburgo, uma vez lhe deu: “hidráulica da libido” (Frankl, 2005, p. 62).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A logoterapia surge de fato, como uma proposta de psicologia que traz suas novidades e peculiaridades, sendo, assim, uma resposta ao cenário das psicoterapias vigentes na época de sua fundação. Sobre isto, a Logoterapia, sua teoria e técnica, surgem da própria inquietação do autor, Viktor Emil Frankl, com relação às psicologias que, por seu método e práxis, desconsideravam os aspectos especificamente humanos, sendo, assim, segundo Frankl, essas psicologias, abordagens reducionistas e pan-deterministas.

Ao propor a logoterapia, Viktor Frankl fundamenta sua abordagem a partir de uma compreensão de uma antropologia filosófica própria e de um método de inspiração fenomenológica, sem, no entanto, desvincular isso tudo de sua própria experiência concreta, principalmente no que se refere à sua extensiva prática clínica e sua experiência nos campos de concentração nazistas.

A Logoterapia possui ainda uma forma peculiar de uma abordagem de psicologia Humanista. Ao mesmo tempo em que, de certa forma, se desvincula do chamado movimento de psicologia humanista ao criticar a concepção monadológica de pessoa, assume claramente a posição de ser uma psicologia humanística, por visar a própria humanização das psicologias,

trazendo ao patamar de prioridade o voltar-se | aos aspectos especificamente humanos.

## REFERÊNCIAS

- Buber, M. (2008) *Eu E TU*. São Paulo (SP): Centauro.
- Dartigues, A. (2008). *O que é a Fenomenologia?* (Trad. de Maria José J. G. de Almeida) 10ª Ed. São Paulo (SP): Ed. Centauro.
- Fonseca, A. H. L, (2006). *Para Uma Historia Da Psicologia E Da Psicoterapia Fenomenológico Existencial-Dita Humanista*, Coleção Beija Flor, Maceió, Pedang.
- Frankl, V. E. (2009). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração* (27ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Frankl, V.. E Col., (1992). *Dar Sentido A Vida: A Logoterapia de Viktor Frankl*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes LTDA.
- Frankl, V. E, (1978). *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio de Janeiro(RJ): Ed. Zahar.
- Frankl, Viktor. E, (2010). *Psicoterapia E Sentido Da Vida: Fundamentos De Logoterapia e Análise Existencial*. 5ª Ed. São Paulo (SP): Ed. Quadrante,.
- Frankl, Viktor. E, (1990). *A Questão Do Sentido Em Psicoterapia*. Campinas (SP): Papyrus Editora.
- Frankl, Viktor. E, (2003). *Sede De Sentido*. São Paulo (SP): Ed. Quadrante.
- Frankl, Viktor. E. (2012), *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. Rio de Janeiro(RJ): Ed. Forense Universitária.
- Frankl, Viktor. E, (2005). *Um Sentido Para A Vida: Psicoterapia E Humanismo*. São Paulo (SP): Ed. Ideias E Letras.
- Lima neto, V. B.(2013). Existência e Sentido: A Logoterapia como uma genuína psicoterapia fenomenológico-existencial. *Revista Logos e Existência*, 2, p. 2-15.
- Moreira, N.; Holanda, A. (2010). Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Revista Psico*, 15, 345-356.
- Penna, A. G. (2000). *Introdução a Epistemologia*. Rio de Janeiro(RJ): Ed. Imago,
- Pereira, I. S. (2007). A Vontade de Sentido na Obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 18(1), 125-136.
- Pereira, I.S (2012). *A Ética do Sentido da Vida: Fundamentos Filosóficos da Logoterapia*. Aparecida (SP): Ideias & Letras.
- Roehe, M. V. (2005), Revendo idéias de Viktor Frankl no centenário de seu nascimento. *Revista Psico*, 36, 311-314.
- Scheler, F. M. (2003), *A posição do homem no cosmos*. Rio De Janeiro (Rj): Forense Universitária.

Enviado em: 06/01/2015

Aceito em: 15/03/2015

## SOBRE O AUTOR

**Rafael Rebolsas Andrade.** Graduando de Psicologia na Universidade Federal do Ceará. Atuação em Psicologia Hospitalar na pediatria e no ambulatório de Saúde Mental no atendimento a pessoas com ideação suicida. Estudos na área de: Epistemologia, Psicologia Clínica, Psicologia Hospitalar, Psicologia e suicídio e Psicologia Organizacional.